



A Senda nos

Estudos da

Língua Portuguesa

Fabiano Tadeu Grazioli
(organizador)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli
(Organizador)

A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A474	A senda nos estudos da língua portuguesa [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Senda nos Estudos da Língua Portuguesa; v.1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-492-4 DOI 10.22533/at.ed.924192407 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Língua portuguesa – Pesquisa – Brasil. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. II. Série. CDD 469.5
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A imagem do caleidoscópio pode representar de maneira satisfatória este primeiro volume de *A senda nos estudos da Língua Portuguesa*, isso porque – sendo o referido aparelho óptico formado internamente por pequenos fragmentos de vidro colorido e espelhos inclinados, que, através do reflexo da luz exterior, apresentam combinações variadas a cada movimento – os trabalhos que compõem o volume partem de diferentes veredas do âmbito das linguagens para se unirem e oferecerem um panorama diverso e complexo de estudos que, dependendo do movimento e da perspectiva de quem olha/lê, pode apresentar múltiplos caminhos (ou sendas, como bem registramos no título) que, contemporaneamente, a Língua Portuguesa percorre no âmbito das pesquisas acadêmicas.

Do lugar de que olhamos para o caleidoscópio agora, como organizadores da obra – que é a experiência de quem olha para cada fragmento de vidro colorido, cada um por sua vez –, cabe fazer alusão à temática de cada capítulo-fragmento, na tentativa de transmitir a multiplicidade de enfoques que as linguagens recebem aqui. Assim, cabe listar como temáticas dos capítulos, na ordem que aqui aparecem: o processo metaenunciativo de (re) construção de sentidos na densidade dialógica dos discursos estéticos e textuais, via enunciados parafrásicos; o ensino de língua pelo caminho do gênero textual; a linguagem jurídica em uma perspectiva linguística, para fins de melhorar a relação entre o Direito e o cidadão comum, facilitando, assim, seu acesso à Justiça; a constituição do *ethos* discursivo dos pronunciamentos presidenciais dos países lusófonos Angola e Brasil, da década de 1990, uma vez que esses dois países têm um passado em comum e trazem semelhanças resultantes das ações do período da colonização portuguesa; a reconstrução e a resignificação da história de vida dos Candangos, primeiros moradores de Brasília, partindo da análise de um conjunto de fotografias e de entrevistas.

Na sequência, os capítulos tratam da descrição das categorias nominais gênero linguístico e número sintático em Português Europeu, em confronto com sua ausência em línguas de modalidade diferente em contacto com o Português – o Tétum e o Caboverdiano; do processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da Gramática Funcional do Discurso, da Teoria Semântica Lexical e pelo Interculturalismo; do impacto que um trabalho com linguagem escrita, numa perspectiva sociointeracionista, tem sobre a formação de alunos com idade entre três e quatro anos (que contituiam, no momento da execuussão da proposta, uma turma de maternal II), especialmente em relação à formação de futuros leitores; da intercompreensão entre o português, o espanhol e o francês como estratégia para ensinar o português – língua não materna – a alunos franceses, em universidades francesas.

Ainda seguindo o caminho anunciado no Sumário, os capítulos seguintes

abordam: as unidades fraseológicas portuguesas corpo humano; a análise do léxico, em uma abordagem discursiva, investigando as lexias que podem ser típicas da fala do homem acreano, no contexto do romance *O Empate*, de Florentina Esteves, uma escritora acreana; os processos enunciativos e, portanto, discursivos e interacionais no uso da materialidade sincrética no *site* da escritora Angela Lago, que tem como interlocutor o público infantil; a identidade e a subjetividade do negro nos ladrões (versos improvisados) do Marabaixo, manifestação da cultura afro-amapaense, à luz de pressupostos da análise do discurso de base francesa; o tratamento e apresentação de termos de áreas científicas nos minidicionários escolares do tipo 3, desenvolvidos para alunos do Ensino Fundamental II, público que usa com frequência o referido material; o uso de operadores argumentativos na construção de enunciados de editoriais, apresentando-os como correspondentes aos lugares da retórica clássica; a educação prisional sob a ótica foucaultina.

No último apanhado de textos, encontramos um capítulo que enfatiza uma abordagem teórica sobre a definição de literatura e o seu caráter artístico e estético; a produção seguinte trata da relação entre os estudos do pensador Mikhail Bakhtin e letras das canções de Tom Zé; outro capítulo focaliza o estudo da poesia medieval, tanto das cantigas profanas, quanto das cantigas religiosas; a seção posterior realiza uma análise do episódio “Os Doze de Inglaterra”, da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tendo como ponto de partida aspectos literários e sintáticos; depois, um estudo que observa a descortesia estratégica proferida pelos personagens no romance *Meu destino é pecar*, de Nelson Rodrigues, demonstrando que as relações de interação são construídas por meio de estratégias argumentativas para atacar a imagem do interlocutor; e fecha a obra um capítulo no qual a pesquisa reflete sobre o papel do docente mediador na constatação de casos de violência contra crianças na turma sob sua responsabilidade.

Os estudos apresentados foram produzidos por pesquisadores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, como o leitor poderá perceber na abertura de cada texto. As metodologias de pesquisa também são diversas, uma vez que a multiplicidade só pode ser a marca de uma coletânea que é organizada a partir de uma chamada com abertura para o diverso.

Agora, cabe ao leitor que chegou até a obra-caleidoscópico mirá-la a partir do seu enfoque e buscar no conjunto de perspectivas que a experiência da leitura que um artefato tão diverso pode oferecer, os textos que são do seu interesse. Que a experiência da leitura seja tão interessante quanto é olhar para um ponto fixo pelo enquadramento do caleidoscópico.

Fabiano Tadeu Grazioli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO E OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO METAENUNCIATIVO DE MÚLTIPLAS LEITURAS	
Maria Bernardete da Nóbrega Maria das Dores Oliveira de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924071	
CAPÍTULO 2	15
A DIDÁTICA DA ESCRITA NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Cleide Inês Wittke Jossemar de Matos Theisen	
DOI 10.22533/at.ed.9241924072	
CAPÍTULO 3	30
A SIMPLIFICAÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA COMO INSTRUMENTO FUNDAMENTAL DE ACESSO À JUSTIÇA	
Luciana Helena Palermo de Almeida Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9241924073	
CAPÍTULO 4	49
ANGOLA E BRASIL – PODER E DISCURSO POLÍTICO A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO DE PRONUNCIAMENTOS PRESIDENCIAIS	
Patrícia Martins Mafra	
DOI 10.22533/at.ed.9241924074	
CAPÍTULO 5	63
A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA NA VIDA DOS CANDANGOS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DE BARDIN	
Rita Barreto de Sales Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9241924075	
CAPÍTULO 6	79
CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE AS CATEGORIAS NOMINAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Celda Maria Gonçalves Morgado Ana Sofia do Carmo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9241924076	
CAPÍTULO 7	91
PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9241924077	
CAPÍTULO 8	103
“NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA”: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DA ESCRITA EM UMA ESCOLA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI	
Ana Carolina Vilela-Ardenghi Adriana Sadagurschi	
DOI 10.22533/at.ed.9241924078	

CAPÍTULO 9	117
THE INTERCOMPREHENSION BETWEEN PORTUGUESE, SPANISH AND FRENCH AS A STRATEGY FOR TEACHING PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE TO FRENCH STUDENTS AT FRENCH UNIVERSITIES	
Carolina Nogueira-François	
DOI 10.22533/at.ed.9241924079	
CAPÍTULO 10	128
UMA ABORDAGEM SINCRÔNICA E DIACRÔNICA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS PORTUGUESAS ASSOCIADAS AO CORPO HUMANO	
Maria Auxiliadora da Fonseca Leal	
Karlla Andrea Leal Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.92419240710	
CAPÍTULO 11	141
UM ESTUDO DISCURSIVO DO LÉXICO EM <i>O EMPATE</i> , DE FLORENTINA ESTEVES	
Edilene da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240711	
CAPÍTULO 12	153
OS MULTILETRAMENTOS NOS PROCESSOS ENUNCIATIVOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.92419240712	
CAPÍTULO 13	165
SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NOS LADRÕES DO MARABAIXO: CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLARIZAÇÃO DOS AFROSABERES AMAPAENSES	
Drieli Leide Silva Sampaio	
Fabiana Almeida Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.92419240713	
CAPÍTULO 14	178
O TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DO VOCABULÁRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO EM MINIDICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 3	
Maryelle Joelma Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240714	
CAPÍTULO 15	191
OPERADORES ARGUMENTATIVOS USADOS NO GÊNERO EDITORIAL ENQUANTO RECURSOS NA CONSTRUÇÃO DO DISCURSO PERSUASIVO	
Míriam Silveira Parreira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240715	
CAPÍTULO 16	215
O PROJETO <i>EDUCAÇÃO PARA LIBERDADE</i> , EM CAMPOS BELOS, GOIÁS: UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA	
Ronivaldo de Oliveira Rego Santos	
Luciana Nogueira da Silva	
Wanderson Luiz Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92419240716	

CAPÍTULO 17	227
O CARÁTER ARTÍSTICO E ESTÉTICO DA LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA	
Deisi Luzia Zanatta	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.92419240717	
CAPÍTULO 18	236
O QUE É QUE O RUSSO DE ORIOL TEM A VER COM O BAIANO DE IRARÁ?	
Celina Cassal Josetti	
DOI 10.22533/at.ed.92419240718	
CAPÍTULO 19	245
POESIA PROFANA E RELIGIOSA NA ERA MEDIEVAL	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240719	
CAPÍTULO 20	262
“OS LUSÍADAS”: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “OS DOZE DE INGLATERRA”	
Gláucia do Carmo Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.92419240720	
CAPÍTULO 21	275
PRESERVAÇÃO DA FACE E (DES)CORTESIA NO DISCURSO LITERÁRIO DO ROMANCE MEU DESTINO É PECAR, DE NELSON RODRIGUES	
Fabiana Meireles de Oliveira	
Rodrigo Leite da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92419240721	
CAPÍTULO 22	286
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO ENFRENTAMENTO	
Welton Rodrigues de Souza	
Maria José de Jesus Alves Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92419240722	
SOBRE O ORGANIZADOR	297
ÍNDICE REMISSIVO	298

PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO NA SELEÇÃO LEXICAL EM PLE/PL2: A INTENSIFICAÇÃO DO ADJETIVO

Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque

PUC-Rio, Departamento de Letras.

Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO: Este trabalho apresenta a parte inicial de uma pesquisa realizada na PUC-Rio sobre o processo de intensificação adjetival que ocorre no português falado no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Pretendemos identificar, descrever, analisar e categorizar as estratégias envolvidas no modo de construção das estruturas que intensificam o adjetivo propriamente realizado ou substituído por alguma outra forma linguística. Nosso objetivo é desenvolver um estudo descritivo em português como língua materna (PLM) para que possamos obter diretrizes que norteiem de modo mais eficiente o processo de ensino e aprendizagem do português como segunda língua (PLE2) ou como língua estrangeira (PLE) no que diz respeito ao funcionamento do léxico de intensificação. Os pressupostos teóricos dessa pesquisa estão inseridos nos estudos desenvolvidos pela Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004), pela Teoria Semântica Lexical (Basílio, 2001 e, Nattinger&DeCarrico, 1992) e pelo Interculturalismo (Hall, 1998, Bennett, 1998 e Singer, 2000). O procedimento metodológico, de base qualitativa, foi realizado com dados

coletados em um programa de televisão, veiculado por uma das emissoras mais assistidas no país e que abrange, em geral, o público jovem. Este programa, intitulado *Malhação*, apresenta um expressivo conjunto de unidades lexicais recorrente na modalidade oral utilizada por moradores da zona sul do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: português para estrangeiros; adjetivo; intensificação.

SYSTEMATIZATION PROCESSES IN LEXICAL SELECTION IN PLE / PL2: THE INTENSIFICATION OF THE ADJECTIVE

ABSTRACT: This paper presents the initial part of a research carried out at PUC-Rio about the process of adjectival intensification that occurs in Portuguese spoken in Brazil, more specifically in the city of Rio de Janeiro. We intend to identify, describe, analyze and categorize the strategies involved in the construction of structures that intensify the adjective properly realized or replaced by some other linguistic form. Our goal is to develop a descriptive study in Portuguese as a mother tongue (PLM) so that we can obtain guidelines that guide the teaching and learning process of Portuguese as a second language (PLE2) or as a foreign language (PLE) in a more efficient way. the lexicon of intensification. The

theoretical presuppositions of this research are inserted in the studies developed by the Functional Grammar of Discourse (Hengeveld, 2004), by Lexical Semantic Theory (Basil, 2001 and, Nattinger & DeCarrico, 1992) and by Interculturalism (Hall, 1998, Bennett, 1998 and Singer, 2000). The qualitative methodological procedure was carried out with data collected on a television program, broadcast by one of the most assisted broadcasters in the country, which generally covers young audiences. This program, called *Malhação*, presents an expressive set of recurrent lexical units in the oral modality used by residents of the southern zone of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Portuguese for foreigners; adjective; intensification

1 | INTRODUÇÃO

A identificação e a análise dos aspectos envolvidos no emprego de diferentes formas linguísticas encontradas no processo de intensificação adjetival do português do Brasil, mais especificamente do Rio de Janeiro, serão norteadas a partir de dois objetivos macros a serem alcançados nesta pesquisa: o primeiro de caráter descritivo e o segundo de caráter didático-pedagógico.

Em termos descritivos, teremos como objetivo fazer o levantamento da variedade de estratégias discursivas utilizadas pelo falante nativo para expressar a intensificação em situações reais de comunicação.

Uma vez elencadas as diferentes estratégias discursivas, passaremos para a análise das referidas formas, baseando-nos prioritariamente nas questões relativas aos conceitos linguísticos fornecidos pela Gramática Funcional do Discurso (GFD) e pela Teoria Semântica Lexical. Este processo de análise nos levará ao processo de construção de um possível modelo de categorização das estruturas lexicais encontradas no *corpus*.

Com a identificação e a análise dessas estruturas, discorreremos sobre o nosso segundo objetivo, ou seja, sobre a possibilidade de se encontrar parâmetros para categorizar de modo satisfatório os diferentes elementos que serão analisados e, desta forma, fornecer subsídios para o profissional de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) e de Português como Língua Estrangeira (PLE) utilizar os resultados finais de nossa pesquisa na preparação de atividades em sala de aula e na elaboração de material didático.

Há, na utilização dos intensificadores do português falado do Brasil, uma série de aspectos que não se encontram apenas no nível linguístico e que, portanto, não se restringem a direcionamentos sintáticos e morfológicos.

No contexto desta pesquisa - o de diálogos entre jovens de classe média-alta da zona sul do Rio de Janeiro -, observamos que no processo de intensificação adjetival estão em jogo os papéis sociais por eles representados em um contexto macro - relacionado à escolha dos elementos linguísticos - e em um contexto micro - relacionado a fatores culturais.

O conceito de intensificação não pode limitar-se apenas à descrição de formas linguísticas, referente a um conjunto de vocábulos, como *mais... do que..., menos... que..., tão quanto...*, ou sufixos como *-íssimo, -érrimo, -ílimo, -inho, -udo* ou *-ão*, entre outros, tomados fora de um contexto situacional.

A intensificação, no presente trabalho, é considerada como uma construção enunciativa que pretende alcançar um determinado objetivo interacional. Significa contrapor-se a uma colocação inserida em um contexto situacional, aí envolvidos (i) aspectos relativos a registros formal e informal e (ii) a informações inferenciais que demandam conhecimento sócio-cultural para serem compreendidas.

Identificar, descrever, analisar e categorizar as estratégias envolvidas na construção da intensificação adjetival no português falado no Brasil, a partir de uma abordagem que considere, sobretudo, a produção e a recepção dos enunciados, com base na relação existente entre linguagem, sociedade e cultura, parece ser um caminho fundamental para se compreender processos intensificadores. Ou seja, quando se tem uma concepção de que a produção e a compreensão dos enunciados construídos em uma dada língua não se restringem apenas às regras de construção de frases, mas, fundamentalmente, à funcionalidade dos aspectos envolvidos na escolha e na utilização dessas regras, entendemos com mais propriedade o modo plural em que os sistemas linguísticos se realizam.

Portanto, esta pesquisa tem por escopo contribuir para uma ampliação descritiva do tema aqui analisado, fornecendo informações que poderão auxiliar pesquisadores e profissionais da área interessados no assunto.

2 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A abordagem teórica deste estudo utilizará, basicamente, os conceitos desenvolvidos por três linhas teóricas: a Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004), a Teoria Semântica Lexical (Basílio, 2001; DeCarrico e Nattinger, 1992) e o Interculturalismo (Bennett, 1998, Hall, 1998 e Singer, 2000) .

2.1 Conceitos da Gramática Funcional do Discurso

Utilizaremos os conceitos da Gramática Funcional do Discurso (GFD), desenvolvida por Hengeveld (2004) tendo em vista que esta teoria entende a gramática como um sistema formalizado que incorpora fenômenos inerentes à construção do discurso pelos interlocutores, logo, ao se analisar um texto com o intuito de se depreender, por meio deste, um sistema de representação formal, tem-se como foco o estrutural. Por outro lado, para se entender o estrutural deve se considerar a semântica, a intenção do falante e suas relações com a construção do discurso, e sua influência no uso deste, considerando-se que tais relações são expressas por meio de estratégias comunicativas.

Para tal tipo de análise, a GFD organiza a representação formal não apenas em uma camada horizontal em que a oração é composta por três elementos básicos, conforme se considerava, até meados da década de 1980; “constituintes formados por itens lexicais, como nome, por exemplo; categorias, como sintagma nominal; e funções, como sujeito, objeto etc” (CAMACHO, 2006;168); mas também em duas camadas verticais representando os aspectos interpessoal e representacional da linguagem. Sendo, assim, a oração é a representação de um ato de fala, estando localizada num tempo e espaço e podendo ser avaliada no que se refere a suas condições de felicidade.

A consideração acima é explicada por Hengeveld (2004) como relevante devido a muitos fenômenos linguísticos só poderem ser explicados tomando-se para a análise unidades maiores que a sentença em si e a muitas expressões linguísticas menores que a sentença em si funcionarem “como enunciados completos e independentes dentro do discurso, como frases elípticas, exclamações e vocativos” (CAMACHO, 2006;171).

Hengeveld (2004) ainda acrescenta três níveis de análise hierarquicamente organizados em camadas para a sistematização de uma gramática, o Interpessoal, o Representacional e o Estrutural, que interagem com elementos essenciais do contexto inerentes ao componente contextual e o cognitivo.

O nível Interpessoal se refere à estratégia linguística adotada por um falante ao usar uma dada unidade linguística. O nível mais alto, *Move*, segundo à GFD, corresponde a uma contribuição autônoma do falante para uma interação contínua, que, na fala, geralmente corresponde a um turno. Tais *Moves* são dotados de unidades linguísticas que exercem funções retóricas, relativas à estruturação global do discurso, e de unidades linguísticas que exercem funções pragmáticas, relativas ao modo como os falantes constroem seus enunciados tendo em mente a interpretação que o ouvinte fará. O que temos, então, é a consideração, nesse nível, dos participantes, das forças das ilocuções de cada ato discursivo e do conteúdo comunicado.

O nível Representacional se refere à função textual dos elementos linguísticos usados pelo falante em seu enunciado. O nível mais alto é o Episódio, o qual apresenta “um conjunto semanticamente coerente de conteúdos proposicionais” (CAMACHO, 2006; 177).

2.2 Conceitos da Teoria Lexical

A base teórica relativa ao léxico se faz importante nesta pesquisa porque na análise dos dados pretendemos discorrer sobre itens lexicais que expressam a intensificação do adjetivo. O conjunto de estruturas com a qual pretendemos trabalhar não pode, no nosso ponto de vista, ser apresentado simplesmente como uma lista de itens que manifestam a expressividade.

A seleção do vocabulário para os diferentes estágios de aprendizagem de uma segunda língua (L2) ou de uma língua estrangeira (LE) deve ser criteriosamente definida. Contudo este processo não pode ser realizado de modo satisfatório se não há um embasamento teórico-metodológico que possa direcionar o aprendiz e o professor na tarefa de aprender e ensinar um idioma outro.

Na análise das expressões lexicais intensificadoras, certamente, podemos nos deparar com exemplos que podem manifestar aspectos gerais, intensos, emotivos, literários, coloquiais, dialetais etc. Ou seja, há uma variedade significativa de informações que irão permear a escolha de um determinado item lexical que terá como objetivo expressar que *algo é muito* alguma coisa. Vejamos alguns exemplos: *Ele é bonito, Ele é bonitinho, Ele é bonitão, Ele é lindo, Ele é lindíssimo, Ele é lindésimo, Ele é lindérrimo, Ele é belo, Ele é um gato, Ele é TDB (tudo de bom), Ele é um pedaço do mau caminho, Ele é o genro que a mamãe pediu a Deus.*

A amostragem de listas lexicais, como esta, é fato comum em muitos manuais de ensino de segunda língua e, muitas vezes, são bastante valiosas para o professor e para o aprendiz de PLE. Contudo, é preciso muito mais do fizemos acima. Mais do que listar um conjunto de palavras e frases lexicais em uma dada língua, é necessário discutir caminhos e apresentar diretrizes eficazes para que entendamos como tais palavras e frases funcionam em contextos diversos de comunicação e como podem ser trabalhadas no universo que envolve o aprendizado de L2/LE.

Muitas dessas estruturas são conhecidas, de acordo com DeCarrico e Nattinger (1992), como lexical *phrases*, ou seja,

um fenômeno lexical de múltiplas-palavras que existe em algum lugar entre o pólo tradicional do léxico e da sintaxe... que incluem frases curtas, relativamente fixas... cada uma associada com uma função discursiva particular.

(op. cit. p. 1)

De todas as categorias que DeCarrico e Nattinger, (1992) apresentam, a que mais nos interessa, a princípio, nesta pesquisa, é a que diz respeito ao que os autores chamam de frases lexicais denominadas *social interactions* e, mais especificamente, a que aborda os propósitos conversacionais. Nesta categoria, estão inseridas as estruturas lexicais que expressam, por exemplo, a simpatia, a gratidão e o elogio, ambientes muito sugestivos, no nosso ponto de vista, para utilização de expressões intensificadoras.

Um outro importante conceito a ser observado neste nosso trabalho é abordado por Carter-McCarthy (1988) no capítulo *Lexis and structure*. O autor aborda algumas questões acerca do termo **colocação**, levantando reflexões sobre o uso não esperado de alguns itens lexicais em determinadas situações e de como o usuário reage a este fenômeno. Um dos exemplos que o autor fornece é *constipate river*. A questão que nos chamou a atenção diz respeito ao seguinte: como deverá ser a entrada deste adjetivo (*constipate*) no dicionário ou em um programa de computador

como o sugerido, por exemplo, pelo projeto COBUILD que trabalha com um *corpus* de língua falada e de língua escrita.

Ao pensar nesta questão, refletimos sobre o seguinte exemplo em português: **Que filme irado!** Como entender o significado do adjetivo **irado** neste contexto? De que informações linguísticas, discursivas, sociais e/ou culturais necessitamos para registrar este possível uso do adjetivo **irado**?

Carter-McCarthy (id. *ibid*), ao discutir alguns padrões acerca do ensino de vocabulário na conversação, sugere que a) o funcionamento comunicativo das escolhas lexicais necessita ser explicitado e incorporado dentro do material de ensino, b) a apresentação das funções comunicativas deve ser realizada em contextos discursivos e c) a entonação, a equivalência e a oposição devem ser levadas em consideração ao ensinarmos vocabulário.

2.3 Conceitos do Interculturalismo

Os estudos realizados pelos pesquisadores do interculturalismo estão ancorados na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa e consideram que a língua sugere padrões de percepção que são compartilhados pela maior parte dos falantes. Os indivíduos que falam línguas diferentes habitam, segundo Hall (1998), mundos sensoriais diferentes e frequentemente têm de “decifrar mensagens silenciosas”. As percepções, ou seja, os processos individuais de seleção, avaliação e organização dos estímulos externos, são o que Singer (2000) chama de definidores dos mecanismos que constituem a cultura.

Ao longo de sua história o conceito de cultura ora apresenta uma postura “teórica”, que se expressa nos trabalhos dos antropólogos, ora uma atitude “narrativa”, articulada em estudos antropológicos.

Da primeira atitude se espera obter certeza, rigor, determinação, regularidade e generalidade nos estudos de cultura. Através da segunda se espera obter contingência, criatividade, singularidade, indeterminação. Da primeira decorre um discurso profissionalizado, relativamente isolado em relação à sociedade mais ampla. Da segunda, um vocabulário menos especializado mais próximo da sociedade.

(Gonçalves, 1996; 169)

Segundo Albuquerque (2003), citando Gonçalves (1996), o conceito de cultura pode ser entendido ora como objeto e ora como invenção, ou seja, como um artifício pelo qual podemos interpretar, no sentido de construir, criar, nossas experiências. Assim, segundo o referido autor, neste processo de “inventarmos” e “reinventamos” a nossa própria cultura, seja a cultura dos antropólogos ou a cultura vivida por indivíduos e grupos no cotidiano, podemos saber, relativamente, “que jogo estamos jogando, seus limites e possibilidades, e que outros se fazem, ainda presentes em nosso horizonte de possibilidades” (op. cit. 173).

Bennett (1998), em estudo sobre cruzamento de culturas, diferencia dois

tipos de culturas caracterizadoras da identidade de um povo: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. Na dimensão da cultura objetiva, o autor inclui desde os programas *culturais* que podemos, por exemplo, fazer à noite como ir ao teatro, ao cinema, a um concerto ou a uma discoteca até os sistemas social, econômico, político e lingüístico, sendo estes últimos, geralmente, os únicos incluídos em estudos de área ou em cursos de história. A cultura objetiva é, portanto,

aquela que se vê, se ouve, se toca; é aquilo que existe, que alguém faz/fez, que acontece/u, que pode ser nomeado. São portanto os produtos concretos de um grupo social: a literatura, a música, a arquitetura, a culinária, o folclore, a História, a estrutura política, etc.

(Meyer, 2002)

Por outro lado, a cultura subjetiva, a que Bennett (1998: 3) chama de *culture writ small*, refere-se a padrões psicológicos que um grupo de pessoas define – seus pensamentos e comportamentos cotidianos. Este tipo de cultura, assemelhando-se ao conceito apontado por Gonçalves (1996), carrega em si características não instituídas, mas criadas.

Cultura subjetiva é aquela que se sente, se percebe, se vive; é como se faz, por que se faz, para que se faz. São os princípios sociais e pessoais que regem uma sociedade, os seus valores morais, comportamentais, interacionais: é aquilo que não se vê, mas que condiciona todos os nossos atos.

(Meyer: 2002)

A definição de cultura subjetiva sustenta a base de definição de “diversidade” em um caminho que, segundo Bennett (1998), inclui diferentes níveis de abstração, seja da cultura doméstica, seja da cultura internacional. Nestes níveis de abstração, encontramos características estereotipadas ou generalizadas.

Os estereótipos, em uma comunicação intercultural, podem ser bastante problemáticos, sejam eles negativos ou positivos, pois podem apresentar uma falsa sensação de entendimento dos padrões comunicacionais. Por outro lado, generalizações culturais são necessárias, quando pensamos em comunicação intercultural. Contudo, elas não podem representar uma norma fechada ou a tendência central de todo o grupo.

Assim como os estereótipos, as generalizações devem ser experimentadas como hipóteses que devem ser testadas em cada caso (cf. Bennett, 1998: 7).

Estudar uma língua sob a ótica do cruzamento de culturas significa então você entender que não dá certo dizer “Oi, cara!” no melhor português superinformal e, junto, apenas acenar com a cabeça, no melhor estilo do inglês também superinformal. Ou, pelo contrário, dizer “Hi, how nice to see you!” e já ir abraçando e beijando o outro. Em ambos os casos, houve inadequação, pois os padrões culturais interacionais não foram observados.

(Meyer, 2002)

Nesta nossa pesquisa, o conceito de cultura subjetiva é o que, sem dúvida

alguma, mais nos interessa para a análise dos processos que envolvem os contextos de intensificação adjetival, bem como dos mecanismos que norteiam a construção de diferentes possibilidades de expressão intensificadora por estudantes estrangeiros.

Em sendo a intensificação um fenômeno linguístico que está ligado diretamente ao modo como cada cultura expressa seus sentimentos e emoções, acreditamos que o domínio do conjunto de informações linguísticas e culturais que fazem parte do sistema de cada língua é fundamental para que não ocorram dificuldades que podem levar o aprendiz a não superar esta etapa da aculturação, ou seja, de não vencer o choque cultural e prosseguir no aprendizado da língua alvo.

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Natureza dos dados e da pesquisa

O procedimento metodológico aqui adotado é de natureza qualitativa, interpretativa. Os dados utilizados são advindos de dois episódios de *A Malhação*, exibidos nos dias 04 e 07 de março de 2013 pela Rede Globo de Televisão

O método de transcrição adotado foi livre, pois não tínhamos a pretensão de nos reportar às pausas, entonações ou prolongamentos. Nosso objetivo foi identificar as estruturas linguísticas escolhidas pelos falantes nativos para expressar a intensificação das construções que apresentam valor adjetival e, a partir dessa identificação, analisar em que categoria poderemos elencar a tipologia encontrada na fala de um determinado grupo social.

4 | ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Contextualizando a análise

A análise preliminar que iremos apresentar consiste na identificação e interpretação de algumas das estratégias discursivas utilizadas nos episódios de *A Malhação*. Este programa é destinado ao público jovem e tematiza situações vivenciadas por moradores da cidade do Rio de Janeiro em contextos relacionados à vida escolar e aos conflitos comuns experienciados pelos jovens e por suas respectivas famílias. As cenas do episódio representam, basicamente, a classe média carioca e o cenário escolhido é a Zona Sul.

4.1.1 Considerações iniciais

A identificação e a análise aqui realizadas partem do pressuposto de que em uma situação social, o indivíduo busca a melhor forma de atingir seus objetivos

sócio-interacionais ao definir suas escolhas linguísticas.

Antes de iniciarmos, propriamente, a análise dos dados coletados nos referidos episódios de *A Malhação*, observemos os dois exemplos abaixo; um retirado do Jornal *Destak* em 28 de julho de 2009, e o outro publicado pelo Jornal o Globo em 17 de março de 2013, na coluna do jornalista Ancelmo Góis.

A)

Caderno já era

Muitos alunos na PUC, na Gávea, não copiam mais do quadro-negro na sala de aula. Tiram fotos com o celular. Quando a aula é mais importante, eles pedem um minutinho ao professor. É para ajustar melhor — “maneiro, sinistro” — o foco da filmadora.

B)



Na figura A, temos “maneiro”; “sinistro” e, na figura B, temos os exemplos “um cara bem na dele”, “super na dele”, “um mala”.

Com estes dois tipos de textos que circulam no *campus* da universidade,

entre muitos outros, podemos nos perguntar qual seria o nível de compreensão dos estudantes estrangeiros aprendizes de português relativo à intensificação adjetival tão bem explorada nestes exemplos. Certamente, teriam dificuldades para entender o significado real dos elementos utilizados com valor intensificador.

4.1.2 Análise dos dados

A partir da coleta que realizamos nos capítulos 144 e 147 de *A Malhação*, que foram ao ar em março de 2013, encontramos um número bastante significativo de estruturas que expressam algum tipo de processo de intensificação. Foram 40 exemplos. Vejamos:

1. tá mandando bem	21. abalou
2. vem retocar meu tanquinho	22. que máximo
3. vai ficar show! genial	23. seríssimo
4. cachorro	24. muito pior
5. caozeiro	25. ficha não, orelhão inteiro
6. a gente era tão jovem, tão inocente	26. tá uma delícia
7. bonitinha e maneira como você, gata	27. belíssima dúvida
8. seu canalha	28. maravilha
9. bate uma culpinha	29. pode ficar mais animadinho
10. de moto, chega mais rápido	30. esse cara é bizarro
11. ficou pianinho com a bronca que você deu nele	31. que fofo
12. o clipe tem que bombar	32. que palhaçada
13. você arrasou	33. muito mais charmoso
14. droga	34. mando muito bem; sei dançar muito bem
15. pega a lupa, Magaiver	35. que benção esta menina
16. eu sou sinistro, Fatinha	36. tá caidinha pelo Pilha
17. orelha, tu é o cara	37. vai ficar mais confortável
18. beleza de moqueca	38. ótimo sinal
19. baianíssima	39. estufa, caindo aos pedaços
20. amei, arrasou	40. passou de todos os limites

A identificação e a descrição destes exemplos encontrados em *A Malhação* foram realizadas de forma a sustentar a premissa de que é possível realizar uma análise linguística, discursiva e cultural dos diversos tipos de estruturas intensificadoras utilizadas pelo falante nativo do português do Brasil. A pesquisa, dessa forma, permite-nos categorizar, a princípio, quatro eixos de construção do processo de intensificação adjetival. Estes eixos são apresentados a seguir com alguns exemplos ilustrativos.

A. Morfológico (superlativo, aumentativo e diminutivo)

A gente era tão jovem, tão inocente

Belíssima dúvida

Bonitinha e maneira como você, gata.

B. Lexical (eixo de seleção)

Eu sou sinistro, fatinha!

C. Morfossintático (“expressões oracionais/não oracionais” e “orações impessoais”)

Ficou pianinho com a bronca que você deu nele

Estufa caindo aos pedaços

Passou de todos os limites

D. Pragmático

Pega a lupa, magaiver

A proposta de categorização destes quatro conjuntos de elementos intensificadores tem por objetivo mais premente apresentar, ao final de nossa pesquisa, diretrizes didático-metodológicas que permitirão ao professor e ao autor de material didático destinado ao ensino de PL2E e de PLE desenvolver atividades mais bem direcionadas acerca destes intensificadores.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O expressivo número de elementos intensificadores encontrado em apenas dois episódios de *A Malhação* e o fato de sabermos que não podemos tratá-los a partir da apresentação de uma mera lista de expressões, sem nenhum direcionamento pedagógico eficaz corrobora os objetivos de nossa pesquisa, ainda em fase inicial de desenvolvimento, de que uma proposta de categorização dessas estruturas em muito auxiliará o profissional envolvido nesta área de estudos. A certeza de haver uma real necessidade de se considerar o tema desta pesquisa um tópico fundamental no processo de ensino e aprendizagem de PL2E e de PLE é o viés que nos motiva para a realização de um trabalho que certamente não esgota o assunto, mas aponta para a produção de inúmeras outras pesquisas do gênero.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. F. S. (2003) *A construção dos atos de negar em estruturas televisivas: uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE*. Tese de doutoramento em Estudos da Linguagem. PUC-Rio, Departamento de Letras.

BASÍLIO, M. (2001) *Teoria Lexical*. Série Princípios; Editora Ática.

BENNETT, M. (1998) *Basic concepts of intercultural communication*. USA; Intercultural Press.
CAMACHO, R. G. (2006) *Funcionalismo holandês: da gramática funcional à gramática funcional do discurso*. *Signótica Especial*, n. 2, pp. 167 - 180, 2006

CARTER-McCARTHY (1988). *Vocabulary and language teaching*. Longman.

DeCARRICO J. S. & NATTINGER, J. R. (1992) *Lexical Phrases and Language Teaching*. Oxford, New York; Oxford University Press.

GONÇALVES, J. R. S. (1996) A obsessão pela cultura. *Cultura: substantivo plural*. Rio de Janeiro/São Paulo: CCBB/Editora 34 (orgs. Márcia Paiva e Maria Éster Moreira), pp. 159-175.

HALL, E.T. "The Power of Hidden Differences". In: BENNETT, M. (ed). *Basic Concepts of Intercultural Communication: Selected Readings*. Yarmouth, Maine: Intercultural Press, 1998, p. 53-67.

HENGEVELD, K. (2004) "The architecture of a Functional Discourse Grammar". In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (eds). *A new architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, P. 1-21.

MEYER, R. M. de B. (2002) "Cultura Brasileira e Língua Portuguesa: do estereótipo à realidade". In CUNHA, M. J. C. & SANTOS, P (orgs). *Tópicos em Português Língua Estrangeira*. Brasília, Ed. Da UNB, pp. 201-207

SINGER, M.R. (1998) "Culture: a perceptual approach". In: BENETT, M.J. (ed.) *Basic Concepts of Intercultural Communication selected readings*. Yarmouth, EUA: Intercultural Press.

SOBRE O ORGANIZADOR

FABIANO TADEU GRAZIOLI é Doutor e Mestre em Letras pela na Universidade de Passo Fundo/RS (UPF). Especialista em Metodologia do Ensino da Literatura e Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, da Faculdade Anglicana de Erechim/RS (FAE) e do Colégio Franciscano São José. Coordenou o segmento de Literatura Infantil e Juvenil da Habilis Press Editora por cinco anos. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Produção Crítica sobre Conteúdos Artísticos em Mídias Digitais/Internet - Edição 2009, a partir da qual desenvolveu a pesquisa *Leitura e fruição na tela: um olhar crítico em direção à ciberpoesia*. Contemplado com a Bolsa FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2010, com a qual desenvolveu o projeto *Leitura dramática: revelando a dramaturgia brasileira para jovens leitores e suas comunidades*. Contemplado com a Bolsa Biblioteca Nacional/FUNARTE de Circulação Literária - Edição 2012, a partir da qual desenvolveu o projeto *Dramaturgia e jovens leitores: encontros necessários nos territórios da cidadania*. Autor de *Teatro de se ler: o texto teatral e a formação do leitor* (Ediupf), que teve sua segunda edição em 2019. Organizou, entre outras, as obras: *Teatro infantil: história, leitura e propostas* (Positivo), sobre dramaturgia para crianças e jovens, que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2016 (Produção 2015), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); e com Rosemar Eurico Coenga, *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar* (Habilis Press), que recebeu o Prêmio de Melhor Livro Teórico 2019 (Produção 2018), e, no mesmo ano, o Selo Altamente Recomendável – Livro Teórico, da FNLIJ.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do discurso 165

C

Crônica 15

D

Diacronia 128

Dicionários escolares 178, 190

Discurso 6, 1, 46, 49, 51, 60, 61, 62, 91, 92, 93, 141, 142, 143, 144, 165

E

Educação infantil 103, 109, 115

Efeitos de Sentido 49

Ensino 7, 10, 15, 28, 29, 46, 87, 89, 169, 178, 179, 183, 186, 209, 215, 224, 225, 245, 286, 287, 297

Ensino de língua 29, 178

Escrita 15

F

Fotografia 8, 63, 65, 66, 77

Fraseologia 128, 130, 139

G

Gênero Textual 15

H

História Oral 63, 66, 76

I

Identidade 165

J

Juridiquês 30, 37

Justiça 6, 8, 30, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 200, 208, 215, 219, 220, 221, 225, 226

L

Lexicografia 178, 179, 180, 181, 182, 190

Linguagem escrita 103

Linguagem jurídica 30, 46, 47, 48

Linguagem oral 103, 110

Literatura 103, 106, 141, 230, 235, 236, 239, 245, 246, 261, 274, 297

Lusofonia 49

M

Memória 8, 62, 63, 65, 66

Multiletramentos 153

P

Português 6, 15, 37, 46, 48, 79, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 102, 117, 118, 126, 128, 130, 131, 140, 165, 180, 215, 285, 297

Português para estrangeiros 126

Práticas de leitura 153

S

Semiótica 153, 158, 160, 163, 164

Sequência Didática 15

Sincronia 128

Subjetividade 165, 226

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-492-4



9 788572 474924